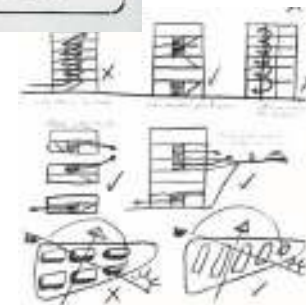


ARQUITETURA
ATRIBUIÇÃO DO
ARQUITETO

Considerações Finais



(...), dizemos aos indecisos, Começar pelo princípio, como se esse princípio fosse a ponta sempre visível de um fio mal enrolado que bastasse puxar e ir puxando até chegarmos à outra ponta, a do fim, e como se, entre a primeira e a segunda, tivéssemos tido nas mãos uma linha lisa e contínua em que não havia sido preciso desfazer nós nem desenredar estrangulamentos, coisa impossível de acontecer na vida dos romanos e, se uma outra frase de efeito é permitida, nos romanos da vida. (...). Puro engano de inocentes e desprevenidos, o princípio nunca foi a ponta nítida e precisa de uma linha, o princípio é um processo lentíssimo, demorado, que exige tempo e paciência para se perceber em que direção quer ir, que tenteia o caminho como um cego, o princípio é só o princípio, o que fez vale tanto como nada. (SARAMAGO, 2000, p. 71).



Figura 401: Eduardo Kneese de Mello, Agudos, SP, 1993.
Fonte: acervo EAQM e YMG.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, o objetivo geral foi analisar os projetos do arquiteto Eduardo Kneese de Mello e relacioná-los com sua produção intelectual, buscando descobrir se o arquiteto projetou obras de *habitação coletiva* de acordo com sua interpretação sobre este tema, onde a moradia é parte de um conjunto maior que compõe a *habitação*. Para ser considerada uma verdadeira habitação, pressupunha-se, segundo Kneese, um bem estar maior de direito à cidadania, e aos serviços imediatos previstos na Carta de Atenas (IV CIAM, 1933), como transporte, lazer, saúde, educação. Além disso, buscou-se, também, verificar qual a relação do arquiteto com os princípios e ideais do Movimento Moderno, analisando quais pontos estavam presentes em suas obras.

A consolidação do Movimento Moderno na Europa do pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918) teve como resultado sua identificação com preocupações sociais e priorização do atendimento às demandas da produção em massa, relacionadas à urbanização e à industrialização. Nesse sentido, a *habitação coletiva*, englobando seus equipamentos, que já vinha se fazendo tema da arquitetura, tornou-se objeto de grande

interesse por parte dos arquitetos adeptos a este Movimento. São inúmeras as experiências e discussões relacionadas a este tema que aconteceram, principalmente, na União Soviética, Alemanha e França. O tema habitação esteve presente também nas primeiras edições dos *Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM)*.

No Brasil, a consolidação da Arquitetura Moderna aconteceu somente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sucedendo ao pioneirismo de alguns poucos arquitetos, como Rino Levi, Gregori Warchavchik e Flavio de Carvalho, entre outros. Naquele momento, a aceleração dos processos de urbanização e industrialização trazia à tona a questão habitacional, que logo foi assumida como tema pelos arquitetos modernos brasileiros. No governo de Getúlio Vargas (1930-1945), o Estado incorporou a gestão e produção da habitação com o quesito social. Os arquitetos brasileiros envolvidos com a produção da habitação social adotaram as linhas gerais definidas pelo *Movimento Moderno*. E foram responsáveis, nos anos 1940 e 1950, por alguns exemplares significativos de habitação social de boa qualidade promovida principalmente pelos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs).

Muitos desses arquitetos que seguiram os princípios do Movimento Moderno tiveram uma formação acadêmica forjada pelos ensinamentos e conceitos advindos da *École des Beaux Arts* de Paris. Esse foi o caso da maioria dos expoentes da Arquitetura Moderna em São Paulo, tais como Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Bratke, Henrique Mindlin, Vilanova Artigas, Luis Saia, Ícaro de Castro Mello, Galiano Ciampaglia, Miguel Forte, Roberto Cerqueira César, Zenon Lotufo, entre outros.

O início da trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello foi marcado pelo *Ecletismo* tardio dos anos 1930, não por opção, mas em decorrência de sua própria formação escolar (Mackenzie, 1932). Os futuros engenheiros-arquitetos do *Mackenzie College*

aprendiam a ver, sobretudo, a arquitetura como arte e utilizar elementos arquitetônicos buscando composições acadêmicas regidas pelos princípios de harmonia, equilíbrio e perfeição, produzindo, a partir de um receituário, uma arquitetura eclética, composta por elementos de diversas origens, mas utilizando materiais contemporâneos. Dessa forma, foi autor e construtor de diversas residências ecléticas para as camadas médias urbanas, todas elas alaistradas pelos bairros nobres da cidade de São Paulo, como, Jardim Europa, América, Paulista e Paulistano. Esse grande número de construções fez com que Kneese de Mello ganhasse prestígio e se destacasse frente à sociedade paulistana.

O arquiteto, por um curto período de tempo, manifestou orgulho por essa grande produção de residências, mas após sua *conversão* ao Movimento Moderno passou a não reconhecer valor nestas obras, passando a renegá-las, assim como o fez seu colega de faculdade, Oswaldo Bratke.

A *propalada* conversão de Kneese de Mello ao Movimento Moderno aconteceu após sua participação no V Congresso Pan-americano de Arquitetos em Montevideú, 1940. Foi através do contato com os arquitetos cariocas e de outros países que percebeu que estava *mentindo* arquitetonicamente. Ali, entrou em contato, de modo mais consistente, com os princípios e ideais do Movimento Moderno. Essa nova fase de sua vida profissional teve um caráter mais humano e social do que a primeira, deixando de representar os desejos de mercado da camada média urbana paulistana, para atender à coletividade. Portanto, para Kneese, tornar-se moderno foi questionar-se qual seria a função social do arquiteto e o real significado da arquitetura, segundo o ideário do Movimento Moderno.

Kneese de Mello passou de um *copista de estilo* a um militante do Movimento Moderno. Nessa militância batalhou pela fundação do departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP, 1943) ao lado de Rino Levi, Vilanova Artigas, Ícaro de Castro Mello,

Abelardo de Souza, Oswaldo Bratke, entre outros. Sua militância a favor da *verdade na arquitetura* continuou dentro das salas de aula, onde lutou para que as novas gerações de arquitetos não cometessem o mesmo erro, não *mentissem* arquitetonicamente, e retratassem a arquitetura de seu tempo, conforme apregoava o mestre franco-suíço Le Corbusier. Além desta luta pela *verdade* arquitetônica, ele travou batalhas com o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA) em defesa das atribuições profissionais dos arquitetos.

À frente do IAB-SP e como defensor incansável dos princípios do Movimento Moderno, proferiu diversas palestras em defesa do ideário da arquitetura contemporânea, expressando qual a sua posição frente aos arquitetos que ainda não haviam se *convertido*. Na grande parte desses textos, o arquiteto procurou convencer o público, sejam eles arquitetos ou leigos, de que não existe outra arquitetura possível que não a contemporânea, ou seja, a Arquitetura Moderna – a *verdadeira arquitetura*, a que retrata fielmente o seu tempo. Discorreu, também, sobre o urbanismo. Quando este era o assunto, citava somente a Carta de Atenas (IV CIAM, 1933), traduzida por ele para a revista Acrópole. Para o arquiteto, ela era o documento mais importante do urbanismo moderno.

Outro assunto muito debatido nos textos de Kneese de Mello foi a *habitação coletiva*, cuja concepção era a grande preocupação do arquiteto desde o final da década de 1940. Ele apresentou um estudo aprofundado sobre o conceito de habitação no Brasil, explicando-a através da história do país e seus ciclos econômicos desde o descobrimento em seu artigo intitulado *Evolução da habitação no Brasil* (1964). Em seus trabalhos, Kneese desenvolveu e divulgou uma noção de habitação baseada nos princípios do Movimento Moderno e principalmente nas recomendações da Carta de Atenas, onde para ele a habitação não significava apenas moradia. A moradia era só um dos elementos do

complexo chamado habitação. Era, entretanto, o elemento central, mas para ser verdadeiramente *habitação*, a moradia teria que ser servida por escolas, transporte, lazer, comércio, trabalho, cultura, ou seja, pressupunha a condição de direito à cidadania.

Com a análise dos projetos selecionados para o estudo de casos, verificou-se que esta noção ampla de *habitação* estava plenamente apresentada em seu projeto para o *Conjunto Residencial IAPC Cidade Jardim* (1944), onde os moradores distribuídos em 1118 unidades residenciais teriam acesso à escola, centro comercial, maternidade, ambulatório, oficinas para pequenos serviços, playground e centro esportivo. No *Conjunto Residencial IAPI – Edifício Japurá* (1945), a noção de habitação também estava incorporada, pois o arquiteto preocupou-se em oferecer aos moradores diversos equipamentos coletivos, tais como: lojas, restaurante, área de lazer na cobertura (terraço-jardim) e playground, tendo em vista que o edifício estava implantado próximo ao centro da cidade e o acesso à cultura e transporte eram mais fáceis do que no caso do IAPC Cidade Jardim. Já nas demais obras apresentadas, essa noção recebeu, quando possível, algumas referências, como é o caso dos edifícios *MARA* (1942), *Juruá* (1955) e do *Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo* (CRUSP, 1961). Nos demais edifícios, *Guapira* e *Hicatu* (Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa, 1952), *Demoiselle* (1956) e *Renato da Fonseca* (1960), não existem os serviços complementários à habitação, existem apenas alguns espaços de uso coletivo, na maior parte das vezes, jardins ou terraços.

Com relação à estética e ao ideário do Movimento Moderno, as análises mostraram, claramente, o uso de elementos da linguagem moderna. Os cinco pontos da *nova arquitetura* de Le Corbusier foram, frequentemente, utilizados com muita sabedoria e racionalidade, dentre eles destacam-se os pilotis, as aberturas horizontais e o terraço-jardim. Os ensinamentos da escola carioca foram utilizados em alguns projetos como os

elementos vazados ou tijolos de vidro, mas sempre secundários. O arquiteto Eduardo Kneese de Mello buscou, incessantemente, incorporar nos aspectos construtivos as características da racionalidade e padronização advindas dos conceitos de reprodutibilidade do ideário Moderno. Essa busca possibilitou o uso da pré-fabricação, em larga escala, no CRUSP, experiência que pode ser considerada pioneira no Brasil.

Por fim, essa pesquisa procurou visualizar nos percursos do arquiteto Eduardo Kneese de Mello a importância das relações entre teoria e prática da Arquitetura. Ao intentar o estudo das relações entre os textos e palestras proferidas por Kneese com seus projetos e obras de arquitetura, pôde traduzir como idéias e conceitos incorporaram-se à produção arquitetônica. Dessa forma, o maior legado de Eduardo Kneese de Mello foi sua arquitetura, muito mais significativa para as gerações futuras, pois traduziu em formas palpáveis os princípios e a estética do Movimento Moderno, ou seja, materializando o ideal que tanto proferiu e defendeu ao longo de sua trajetória.

Bibliografia

Acrópole. São Paulo, SP. 1938-71: 1-391*.

ANDREOLLI, Elisabetta e FORTY, Adrian (org). **Arquitetura Moderna Brasileira.** Londres: Phaidon, 2004.

ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio e KON, Nelson. **Rino Levi – Arquitetura e cidade.** São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.

ANTE-PROJETO. **Exposição do IV Centenário de São Paulo.** São Paulo: EDIAM, 1952.

ARQUITETO: Eduardo Kneese de Mello. Coordenação de Roberto Loeb. São Paulo: Videovideo produtora, s/d. 1 fita de vídeo (24 min), VHS, son., color.

Arquitetura. Rio de Janeiro. Instituto de Arquitetos do Brasil. 1961-69: 1-78*.

Arquitetura e Engenharia. Belo Horizonte, MG. 1950-65: 14-68*.

Arquitetura Contemporânea no Brasil. Rio de Janeiro, DF: Editora Bertum Carneiro, 1947.

AD Arquitetura e Decoração. São Paulo, SP. 1953-58: 1-27*.

ARTIGAS, Vilanova. **Série Arquitetos Brasileiros – Vilanova Artigas.** São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi; Fundação Vilanova Artigas, 1997.

- ____. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.
- ARTIGAS, Rosa Camargo (org). **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: Cosac & Naify; Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais; Fundação Bienal de São Paulo. 2ª edição, 2002.
- BARBARA, Fernanda. **Duas tipologias habitacionais: o conjunto Ana Rosa e o Edifício Copan. Contexto e análise de dois projetos realizados em São Paulo na década de 1950**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, 2004.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. **Team 10: arquitetura como crítica**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- BATISTA, Marta Rossetti. **Kneese de Mello no IEB**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: 1994, nº. 37, 105-108.
- BAYEUX, Glória Maria. **O debate da arquitetura moderna brasileira nos anos 50**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, 1991.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- BERDINI, Paolo. **Walter Gropius**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1996.
- BLASER, Werner. **Mies van der Rohe**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- BOESIGER, Willy. **Le Corbusier – oeuvre complète 1946-1952 (vol. 5)**. Zurique: Les Editions d'Architecture, 1953.
- ____. **Le Corbusier**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.
- BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. São Paulo: Estação Liberdade: Fapesp, 1998.
- ____. **Afonso Eduardo Reidy**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardj; Lisboa: Editorial Blau, 1999.

- BRAGA, Theodoro. **Por uma arte brasileira**. São Paulo: Acrópole, nº. 1, p. 19-20, 1938.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- Casa & Jardim**. Rio de Janeiro, GB. 1966-70: 133-191.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS, 1954. São Paulo. Anais **do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos**. São Paulo: Instituto de Arquitetos do Brasil, 1954.
- CONDURU, Roberto. **Espaços da arte brasileira: Vital Brazil**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.
- COSTA, Lucio. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- De Feo, Vittorio. **Arquitetura Construtivista – URSS 1917 – 1936**. São Paulo: Wordwhitewall Editora Ltda, 2005.
- FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- FAU USP. **Índice de Arquitetura Brasileira, 1950-1970**. São Paulo: FAU USP, 1974.
- _____. **Índice de Arquitetura Brasileira, 1981-1983**. São Paulo: FAU USP, 1992.
- _____. **Índice de Arquitetura Brasileira, 1971-1980**. São Paulo: FAU USP, 1982.
- FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.
- FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: Ensino e produção em São Paulo**. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto Editores, 1982.
- GALESI, René. **O morar moderno: modernização, verticalização e o pioneirismo**

dos edifícios residenciais modernistas na expansão da área central de São Paulo. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. Dissertação de mestrado, 2002.

GROPIUS, Walter. **Bauhaus: novarquitectura.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

Habitat. São Paulo, SP. 1950-65: 1-84*.

KAMITA, João Masao. **Espaços da arte brasileira: Vilanova Artigas.** São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

KNEESE DE MELLO, Eduardo. **Acrópole de Athenas.** São Paulo: Acrópole, nº 1, p. 14-18, 1938 a.

____. **Santuário de Congonhas do Campo.** São Paulo: Acrópole, nº. 2, p. 33-42, 1938 b.

____. **Cabo Frio.** São Paulo: Acrópole, nº. 4, p. 15-24, 1938 c.

____. **A Arquitetura Colonial e José Wasth Rodrigues.** São Paulo: Acrópole, nº. 6, p. 39, 1938 d.

____. **IAPC. Delegacia de São Paulo. Conjunto Residencial Cidade Jardim. Anteprojeto II. Arquiteto Eduardo Kneese de Mello.** São Paulo: 1945. Acervo RALMF.

____. **Porque Arquitetura Contemporânea.** São Paulo: Acrópole, nº 102, p. 159-168, 1946.

____. **A carta de Atenas** (Tradução). São Paulo: Acrópole, nº 109, p. 1-4, 1947.

____. **Arquitetura, Urbanismo e Democracia.** São Paulo: Acrópole, nº 123, p. 91-96, 1948.

____. **Considerações sobre arquitetura moderna.** São Paulo: Acrópole, nº 134, p. 47 - 50, 1949 a.

____. **Rotary e Arquitetura.** São Paulo: Acrópole, nº 138, p. 156-157, 1949 b.

____. **Centro de debates culturais. Exposição IAB – Ribeirão Preto SP, 12 de**

- Novembro de 1950.** São Paulo: Acrópole nº 152-153, p. 229-232, 1950 /1951.
- ____. **Habitação na URSS. Relatório de Eduardo Kneese de Mello.** São Paulo: Arquitetura, nº 9, p. 29-31, 1963.
- ____. **A herança mourisca da arquitetura no Brasil.** São Paulo: FAU USP, 1975 a.
- ____. **Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências.** São Paulo: FAU USP, 1975 b.
- ____. **Depoimento.** In: IAB-SP. **Arquitetura e Desenvolvimento Nacional. Depoimentos de Arquitetos Paulistas.** São Paulo: Editora Pini, p. 13-15, 1979[?].
- ____. **Joãosinho o oficibói.** São Paulo: Editora Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1988 a.
- ____. **Mutirão e habitação.** In: SÁ, Alvin Augusto; MELLO, Eduardo Kneese de; et. al. **A Cidade, A Habitação.** Guarulhos, SP: APEC: UNG, 1988b.
- ____. **Brasília: Histórias e Estórias.** São Paulo: De mais Editoração e Publicação, 1992.
- ____. **Setor residencial da Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira”.** In: ETERNIT. **Eternit na Arquitetura Brasileira Contemporânea Brasileira,** s/d a, s/p.
- ____. **Exposição no IAB-SP.** São Paulo: Manuscrito. s/d b, s/p.
- KOPP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa.** São Paulo: Livraria Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- LATORRACA, Giancarlo. **João Figueiras Lima, Lelé.** São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; Lisboa: Editorial Blau, 1999.
- L'Architecture D'Aujourd'Hui.
- LEMOS, Carlos. **Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Editora Melhoramentos: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- ____. **Arquitetura Contemporânea.** In: ZANINI, W. **História Geral da Arte no Brasil.** São Paulo: Inst. Walter Moreira Salles, 1983. 2 v.

- ____. **Viagem pela carne**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. **Operários da Modernidade**. São Paulo: Hucitec / Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- ____. **Museus acolhem o moderno**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- MARTINS, Carlos A. F. **A Constituição da Trama Narrativa na Historiografia da Arquitetura Moderna Brasileira**. In: FAUUSP, O Estudo da História na Formação do Arquiteto. São Paulo, Revista da Pós, nº. especial, v. 1, 91-95, 1994.
- MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.
- Módulo**. Rio de Janeiro, GB. 1955-65, 1-10: 1-39*.
- O Construtor do Mês: Eduardo Kneese de Mello**. Revista A CONSTRUÇÃO São Paulo. São Paulo: outubro, 1976, nº1497, p. 40-41.
- Os 80 anos do jovial Kneese**. Informativo Farias Brito. Guarulhos: maio, 1986, nº. 11, p. 2-3.
- OSORIO, Luiz Camillo. **Espaços da arte brasileira: Flávio de Carvalho**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.
- PAGLIA, Dantes. **Arquitetura na Bienal de São Paulo**. Edições Americanas de Arte e Arquitetura, 1952.
- PENTEADO, Fábio. **Fábio Penteado: ensaios de arquitetura**. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.
- PERRONE, Carlos. **São Paulo por dentro – um guia panorâmico de arquitetura**. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Modernizada ou Moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45**. São Paulo: FAUUSP, Tese de doutorado, 1997.

PINTO, Vanda. **Kneese de Mello, uma vida entre três paixões**. Revista Projeto. São Paulo: 1991, nº141, 98-99.

Projeto e Construção. São Paulo, SP. 1970:0-1.

PUPPI, Marcelo. **Por uma história não Moderna da Arquitetura Brasileira**. Campinas: Pantos Editores, 1998.

RAMALHO Junior. Joel. **Eduardo Kneese de Mello: o Homem e o Arquiteto**. Curitiba, s/d.

REGINO, Aline Nasralla. **COM ENTUSIASMO. A vida e obra de Eduardo Kneese de Mello**. São Paulo: Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Trabalho final de graduação, 2002.

REGINO, Aline Nassaralla; SANTOS, Ademir Pereira dos; et. al. **Arquitetura atribuição do arquiteto**. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.

Revista de Engenharia. Centro Acadêmico Horacio Lane, Escola de Engenharia Mackenzie. São Paulo.

Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie. São Paulo.

ROSALLES, Mario Arturo Figueroa. **Habitação coletiva em São Paulo 1928>1972**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutorado, 2002.

ROSSETTO, Rossella. **Arquitetura moderna e tipologias de mercado: uma primeira classificação**. In: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (organização). **A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna, 1930 – 1964**. São Carlos: RiMa Editora, 2002.

RUBANO, Lizete Maria. **Cultura de projeto: um estudo das idéias e propostas para habitação coletiva**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutorado, 2001. 2 v.

RUPRECHT, Denise Gomes César. **Conjunto Habitacional Jundiaí - A: dois modos de arquitetar**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. Dissertação

de mestrado, 2002.

SABBAG, Haifa. **Com entusiasmo. E paixão.** Revista AU. São Paulo: abril, 1986, p. 28 - 30.

SANTOS, Lena Coelho. **Arquitetura Paulista em torno de 1930 – 1940.** São Paulo: FAU USP. Dissertação de mestrado, 1985.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (organização). **A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna, 1930 – 1964.** São Carlos: RiMa Editora, 2002.

SARAMAGO, José. **A caverna.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SCULLY JR, Vincent. **Arquitetura Moderna: a arquitetura da democracia.** Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002.

SILVA, Elaine Pereira da. **Eduardo Kneese de Mello e o Edifício Japurá.** São Carlos: Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos – departamento de Arquitetura e Urbanismo. Dissertação de mestrado, 2003.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador – São Paulo 1920-1939.** São Paulo: Livros Studio Nobel, 1997.

SPAETH, David. **Mies van der Rohe.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1986.

STROETER, João Rodolfo. **Arquitetura e teorias.** São Paulo: Nobel, 1986.

THOMAZ, Dalva. **Eduardo Kneese de Mello – documento.** Revista AU. São Paulo: n°45, dezembro 1992 / janeiro 1993, p. 80-88.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Professor Eduardo Kneese de Mello (1906 – 1994).** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: 1994, n°. 37, 103-104.

The Architectural Forum.

Tendências Atuais da Arquitetura Brasileira / Vilanova Artigas 1915 / 1985. Revista Projeto: São Paulo, 1985.

UNIVERSIDADE de São Paulo; CENTRO de Preservação Cultural. **Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP / Centro de Preservação Cultural.** Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. **Jardim América: O primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

WISNIK, Guilherme. **Espaços da arte brasileira: Lucio Costa.** São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

XAVIER, Alberto. **Depoimento de uma geração.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos e CORONA, Eduardo. **Arquitetura Moderna Paulistana.** São Paulo: Editora Pini, 1983.

XAVIER, Alberto; BRITTO, Alfredo e NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro.** São Paulo: Editora Pini, 1991.

ZEIN, Ruth Verde. **O lugar da crítica: ensaios oportunos de arquitetura.** Porto Alegre: Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 2001.

* Publicação encerrada após o número citado.

Anexos

Anexo 1

BIOGRAFIA

1906

Eduardo Augusto Kneese de Mello (EKM) nasceu em São Paulo no dia 05 de abril, segundo filho de Horácio de Mello e Clotilde Kneese de Mello. Teve cinco irmãos: Lígia, Marina, Haroldo, Horácio e Clotilde.

1924

Concluiu os estudos secundários no Mackenzie College, São Paulo. Estudou anteriormente na Escola Modelo Caetano de Campos, São Paulo.

1929

Abriu um escritório de topografia na rua Barão de Itapetininga com colegas da Escola de Engenharia do Mackenzie College: Oswaldo Bratke, Oscar Americano e Clovis Silveira.

1930

Casou-se com Wilma Lindenberg Quintanilha (*Vite*) com quem teve três filhos: Norma de Mello Pinto Pereira, Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

1931

Formou-se Engenheiro-Arquiteto pela Escola de Engenharia do Mackenzie College, São Paulo.

1932

Abriu o seu primeiro escritório no Largo da Misericórdia, 23, 12º. Andar.

1937

Iniciou suas atividades docentes como professor do curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie até 1938.

1938

Publicação do álbum *Construções Residenciaes* a convite da União Paulista de Imprensa, São Paulo.

Integrou o conselho editorial da revista *Acrópole*, que circulou até o ano de 1971.

Publicação dos artigos: *Acrópole de Athenas*. (ACRÓPOLE, 1938, nº 1, p. 14-18) e *Cabo Frio*. (ACRÓPOLE, 1938, nº 4, p. 15-24).

1940

Participou e recebeu o Prêmio Honor y Diploma do V Congresso Pan-americano de Arquitetos, Montevideu, Uruguai.

1943

Criação do departamento paulista do Instituto dos Arquitetos do Brasil, IAB/SP. Kneese de Mello, sócio nº1, foi escolhido como primeiro presidente (1943-1946).

1945

Retornou às atividades de professor do curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie. Desligou-se, novamente, em 1947.

1946

Publicação dos artigos: *Impressões de uma viagem à Baía*. (ACRÓPOLE, 1946, nº 96, p. 317-320), *Ecos do 8º aniversário da Revista Acrópole*. (ACRÓPOLE, 1946, nº 98, p. 41) e *Porque Arquitetura Contemporânea*. (ACRÓPOLE, 1946, nº 102, p. 159-168).

1947

Traduziu a *Carta de Atenas* (IV CIAM, 1933) para a revista *Acrópole*. (ACRÓPOLE, 1947, nº 109, p. 1-4).

Foi eleito presidente do IAB/SP (1947-1948).

Sócio fundador da Sociedade Paulista de Medicina Social e do Trabalho.

1948

Publicação do artigo: *Arquitetura, Urbanismo e Democracia*. (ACRÓPOLE, 1948, nº 123, p. 91-96).

1949

Foi eleito presidente do IAB/SP (1949-1950).

Publicação dos artigos: *Exposição de arquitetura contemporânea, Campinas. Considerações sobre arquitetura moderna*. (ACRÓPOLE, 1949, nº 134, p. 47-50) e *Rotary e Arquitetura*. (ACRÓPOLE, 1949, nº 138, p. 156-157).

1950

O Arquiteto no Brasil. Conferência para a Sociedade de Engenheiros de Campinas.

Publicação dos artigos: *O Arquiteto no Brasil*. (ACRÓPOLE, 1950, nº 144, p. 289-292) e *Centro de debates culturais. Exposição IAB – Ribeirão Preto SP, 12 de Novembro de 1950*. (ACRÓPOLE nº 152 e 153, p. 229 - 232, dez., 1950 e jan. 1951)

1951

Viagem de estudos à Inglaterra para estudar a pré-fabricação, a convite da firma Uniseco do Brasil S.A.

Foi conselheiro do CREA - SP até 1952.

Membro da direção artística da exposição internacional de Arquitetura e júri da premiação de Arquitetura da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Recebeu Pequena Medalha de Ouro no 1º Salão Paulista de Arte Moderna. Seção Arquitetura. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo.

Proferiu a conferência *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, na sede da revista *Architecture d'aujourd'hui*, em Paris; na sede *Ina Casa*, em Roma, Itália; em Estocolmo, Suécia; no Sindicato dos Arquitetos, em Lisboa, Portugal; e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo em Lima, Peru.

Publicação do artigo: *O dia do urbanismo – Palestra do arquiteto Eduardo Kneese de Mello no IAB/SP*. (ARQUITETURA e Engenharia, 1951, nº 15, p. 47-49).

1952

Publicação do artigo: *Urbanismo preventivo, urbanismo curativo*. (ACRÓPOLE, 1952, nº 176, p. 273-275).

1953

Recebeu o diploma de sócio efetivo da Sociedade Amigos da Cidade de São Paulo e Certificado de serviço relevante do Conselho Federal de Arquitetura e Engenharia, CREA.

1954

Participou da organização do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, São Paulo.

1955

Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU USP, até 1976.

Publicação do artigo: *O prestígio do Arquiteto*. (HABITAT, 1955, nº 23, p. 70).

1956

Arquiteto da NOVACAP, Nova Capital, empresa criada para construir Brasília, até junho de 1960.

Membro da Comissão da Casa Popular, criada pelo Governo do Estado de São Paulo.

1957

Proferiu as conferências: *Porque Brasília* no auditório do IAB Diretório Nacional e *As razões de Brasília* na Escola de Cadetes de São Paulo.

1958

Membro da Comissão para criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de São Paulo como representante da FAU USP, por designação do Governador do Estado de São Paulo, Jânio Quadros.

1959

Recebeu: Pequena Medalha de Ouro no XXIV Salão Paulista de Belas Artes. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo, Prêmio de Viagem ao País no XXIV Salão Paulista de Belas Artes. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo.

Proferiu a conferência *O que é Brasília* em praça pública a convite da Associação dos Municípios, Serra Negra, SP.

1960

Aula inaugural da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP.

Recebeu: Diploma de Sócio Honorário de La Sociedad de Arquitectos Mexicanos e Prêmio Assembléia

Legislativa do Estado no XXV Salão Paulista de Belas Artes. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo.

Publicação do artigo: *Porque Brasília*. (BRASÍLIA, 1960, p. 5-18).

1961

Participou do programa de televisão *Arquitetos* na TV, televisionado até o ano de 1962 no Canal 9, TV Excelsior. O programa era gravado no teatro Cultura Artística, São Paulo.

1962

Proferiu a conferência *Antonio Francisco Lisboa e Oscar Niemeyer* no auditório da Escola Paulista de Medicina.

1963

Proferiu a conferência *Arquitetura no Brasil. A Casa. A Igreja*. Curso organizado pela Secretaria de Educação e Cultura da Municipalidade de Santos, SP.

Publicação do artigo *Habitação na URSS. Relatório de Eduardo Kneese de Mello*. (ARQUITETURA, 1963, nº 9, p. 29-32).

Recebeu: Medalha de Prata da Universidade de São Paulo por relevantes serviços prestados ao FUNDUSP, *Fundo para construção da Cidade Universitária Armando Salles Oliveira da Universidade de São Paulo*. Medalha alusiva à inauguração do Conjunto Residencial dos Estudantes, projeto de 1961, Medalha do Patriarca: comemorativa do bicentenário de nascimento de José Bonifácio de Andrade e Silva – *Prefeitura Municipal de Santos*, SP e Grande Medalha de Ouro no XII Salão Paulista de Arte Moderna. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo.

1965

Diretor do Departamento de História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Aula inaugural da FAU USP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Recebeu diploma de Honorary Fellowship do *American Institute of Architects*, Washington, EUA.

1966

Assinatura do Convênio Cultural entre o IAB e o Colégio de Arquitetos do Peru no Palácio do Governo, com a presença do presidente Fernando Belaunde Terry, Lima, Peru.

Foi conselheiro do CREA - SP até 1969.

Proferiu a conferência *Evolução da Arquitetura no Brasil*, em Lisboa, Portugal.

Coordenador do curso sobre pré-fabricação do *Centre Scientifique du Batiment* de Paris, na FAU USP.

Recebeu uma bolsa de estudos em Portugal pela *Fundação Calouste Gulbenkian*.

1967

Representante da FAU USP no Encontro Nacional do Ensino de Arquitetura, organizado pelo Instituto de IAB.

Recebeu: Diploma de Membro Honorário do *Colegio de Arquitectos del Peru* e Colar de Mérito do Conselho Superior do *Instituto de Arquitectos do Brasil*.

Publicação dos artigos: *Aula inaugural de 1966*. (REVISTA do IEB, 1967, nº2, p. 34-51) e *Capela de S. Ângelo*. (ACRÓPOLE, 1967, nº 336, p. 19-23).

1968

Foi eleito presidente o IAB nacional (1968 - 1970).

Recebeu: Diploma de Membro Honorário da *Sociedad Colombiana de Arquitectos*, Bogotá, Colômbia e Diploma de Membro Correspondente da *Sociedad Bolivariana de Arquitectos*, Caracas, Bolívia.

Proferiu a conferência *Evolução da Arquitetura no Brasil*, no Colégio de Arquitectos do Peru, em Lima; na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Quito, Equador; na Sociedade de Arquitectos Colombianos, Bogotá, Cali, Barranquilla, Medellín; e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Caracas, Venezuela e *Brasília a nova Capital do Brasil*, na Casa de Cultura em Quito, Equador.

1969

Assinatura do Convênio Cultural e de Amizade entre o IAB e o Sindicato dos Arquitectos de Portugal em Lisboa.

Recebeu certificado de serviço relevante prestado ao CREA, *Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia*.

Proferiu a conferência *Arquitetura no Brasil* na sede do Automóvel Clube. Departamento Cultural do Automóvel Clube e Sociedade de Engenheiros e Arquitectos de São José do Rio Preto.

Publicação do artigo: *Dois congressos de arquitectos*. (ACRÓPOLE, 1969, nº 364, p. 30).

1970

Participou do XIII Congresso Pan-americano de Arquitectos, San Juan, Porto Rico.

Recebeu: Certificado de Membro Honorário do Conselho Vitalício da *Federacion Panamericana de Asociaciones de Arquitectos*, Diploma Medalha de Ouro da *Sociedad de Arquitectos del Uruguay*,

Certificado de Sócio do *Instituto de Arquitectos de Puerto Rico*, Certificado de Membro Honorário do *Colegio de Arquitectos de Chile* e Título de Sócio Honorário da *Asociación Paraguaya de Arquitectos*.

1971

Integrou o corpo docente da recém criada Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas de Mogi da Cruzes. Desliga-se em 1989.

Membro fundador Sindicato dos Arquitetos Estado de São Paulo (SASP).

Publicação do artigo: *50º aniversário do IAB*. (ACRÓPOLE, 1971, nº 386, p. 37).

1972

Recebeu: Diploma de Sócio Honorário da *Federacion Argentina de Sociedades de Arquitectos*, Título de Sócio Honorário da *Sociedad de Arquitectos de Guatemala*, Diploma de Membro Honorário da *Sociedad Panameña de Ingenieros e Arquitectos* e Diploma de Membro Honorário da *Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena*. I Simpósio de História do Vale do Paraíba.

1974

Recebeu homenagem dos formandos da turma Prof. Plínio Boucault da *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Braz Cubas*, Mogi das Cruzes.

Foi Conselheiro Federal do CONFEA.

1975

Publicação dos livros: *Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências* (FAU USP) e *A Herança Mourisca da Arquitetura no Brasil* (FAU USP).

1981

Publicação do artigo: *Meu amigo Artigas*. (MÓDULO, 1981, Especial Artigas, nº 67, p. 21 e 35).

1982

Foi conselheiro do CREA - SP até 1984.

1984

Presidiu a banca do concurso para professor titular do arquiteto João Batista Vilanova Artigas, FAU USP.

1987

Integrou o corpo docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Belas Artes.

1988

Publicação do livro de poesias *Joãosinho o oficibói*. (Editora Faculdade de Belas Artes de São Paulo).

1992

Publicação do livro *Brasília – Histórias e Estórias* (Demais Editoração e Publicação).

1994

Faleceu aos 88 anos de idade em São Paulo.

Anexo 2

RELAÇÃO DE PROJETOS E OBRAS

ARQUITETURA ECLÉTICA 1932 – 1943

1932 - 37

- Residência Dr. Antonio Pinto Cardoso de Mello. (Rua Canadá, 53)
- Residência do Comendador Eurico Guerrini. (Rua Estados Unidos, 1030)
- Residência Sr. Rudolf Bülau. (Rua David Campista, 412)
- Residência Dr. Ismael Ribeiro de Barros. (Rua Canadá, 1)
- Residência Sr. Francisco de Assis e Almeida. (Rua Maestro Chiaffarelli, 735)
- Residência Sr. Rodolfo Kromfeld. (Rua Cuba, 51)
- Residência Sr. Jose Martins Borges. (Rua Inglaterra, 13)
- Residência srta. Maria Judith Bernardino de Campos. (Rua Estados Unidos)
- Residência Sr. Altino de Castro Lima. (Rua Gucatan, 5)
- Residência Dr. Américo Floriano de Toledo. (Rua Terra Nova, 3)

Residência Sr. Jose Martins Borges. (Rua Pamplona)
Residência Dr. Mario Dias da Costa. (Rua do Chile, 6)
Residência Sr. Sebastião Ferraz Salles. (Rua Atibaia)
Residência Sra. dna. Paulina Muniz de Souza. (Rua Conselheiro Brotero, 736)
Residência Dr. Marcos Lindenberg. (Rua Antonio Bento, 350)
Residência Dr. Rodolpho Magalhães. (Avenida Brasil, 1402)
Residência Sr. Edgard Toledo Schorcht. (Rua Inglaterra)
Residência Sr. Elias Fleury. (Rua Antonio Bento)
Residência Dr. Francisco de Paulo Pinto Hartung. (Avenida Brasil, 904)
Residência Dr. Oliver Ferreira. (Rua Itapeva, 41)
Residência Sr. Manoel Borges. (Rua Hespanha)
Residência prof. Theodoro Braga. (Rua Boituva, 104)
Residência Sr. Americo Martins Junior. (Praça das Guianas, 2)
Residência Dr. Octavio Mendes Filho. (Rua Gualachos, 3. Reforma)
Residência Sr. João Amorin de Souza. (Rua Rosa Silva)
Residência Dr. Luiz Aranha Junior. (Rua Bahia, 1250)
Residência Dr. Bianôr Figueirôa. (Rua Fonseca Telles, 89)

1938

Residência Jean Lecoq. (Rua Terra Nova, 8)
Residência Sr. Alexandre Tito Labat. (Rua Chile, 61)
Residência. (Av. Rebouças, 79)
Residência Dr. Ismael Brandão. (Rua Leôncio de Carvalho, 225)
Residência. (Rua Dona Hypolita)

1939

Residência Dr. Cyro Costa Filho. (Rua Maestro Elias Lobo, 68).
Residência George Stanley Smith. (Rua Honduras, 90).

1940

Residência Diogo Martins Ribeiro Netto. (Rua Leopoldo Bulhões, 6).

Residência Matheus Santamaria. (Rua Morro Verde, 21).

Residência Moacyr Moreira. (Rua do Ouro, 92).

Residência Manoel Arantes Matheus. (Rua Polônia, 88).

1941

Residência Eduardo Kneese de Mello. (Rua Antonio Bento, 399).

Residência Ernesto Soares. (Av. 9 de Julho, 87).

Residência Sylvio Suplicy. (Rua Maestro Elias Lobo, 885).

Residência Edith de Queiroz Mattoso. (Av. Rebouças, 93).

1942

Residência Benedita Costa. (Rua David Campista, 84).

Residência Agenor Camargo. (Rua Dr. Veiga Filho, 441).

Residência Horácio Vaz Guimarães. (Av. Europa, 352).

Residência José Vaz Guimarães. (Av. Europa, 356).

Núcleo de 24 Residências Térreas – Banco Hipotecário Lar Brasileiro. (Rua Pedroso de Moraes x Rua Galeno de Almeida).

1943

Projeto e Estudo de um Colonial. (Jardim América).

Residências. (São Paulo).

ARQUITETURA MODERNA 1942 – 1986

1942

Edifício MARA. (Rua Brigadeiro Tobias, 247).

Edifício de Escritório Leônidas Moreira. (Rua do Carmo, 147).

1947

Conjunto Residencial – IAPI. (Rua Japurá, 55 e 109). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Roberto Burle Marx (paisagismo).

Conjunto Residencial – IAPC. (Av. Cidade Jardim x. Marginal Pinheiros). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Hélio Duarte (escola e maternidade).

Edifício de Escritórios Cavarú. (Rua Maria Paula, 64).

1949

Residência Prof. Marcos Lindenberg. (Capão Bonito - Santo Amaro).

1951

Museu de Arte Moderna de São Paulo – Trianon. (São Paulo, SP). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Luís Saia.

Residência. (Rua Itália).

Parque Ibirapuera. (Avenida Pedro Álvares Cabral, sn). Arquitetos: Oscar Niemeyer, Eduardo Kneese de Mello, Hélio Uchoa, Zenon Lotufo. Colaboradores: Gauss Estelita e Carlos Lemos.

1952

Residência de fim de Semana. (Cotia, SP).

Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa – Edifícios Guapira e Hicatu. (Rua José de Queiroz Aranha, 155 e 185).

1955

Edifício de Apartamentos Juruá. (Rua Bento Freitas, 341).

Casas Pré-Fabricadas Uniseco. (São Paulo, SP).

Casa Pré-Fabricada Uniseco. (Cotia, SP).

1956

Edifício Demoiselle. (Praça 14 Bis x Rua Rocha, São Paulo).

1959

Palácio do Comércio. (Setor Bancário Norte, Brasília, DF). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Carlos Senna.

Palácio da Agricultura. (Setor Bancário Norte, Brasília, DF).

1960

Edifícios de Apartamentos. (Rua Iguatemi).

Edifício de Apartamentos - Renato da Fonseca. (Rua Antonio Carlos, 180). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Joel Ramalho Junior.

1961

Anteprojeto para a Assembléia Legislativa de SP. (Av. Ibirapuera). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, José Maria Gandolfi, Joel Ramalho Jr., Luiz Forte Netto e Francisco Petracco. Colaboradores: Sidney de Oliveira, Roberto Gandolfi, Luiz Gobeth Filho e Raymond.

Cidade Universitária - Conjunto Residencial. (Cidade Universitária, Butantã, São Paulo). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira.

1962

Anteprojeto para a Assembléia Legislativa de MG. (Belo Horizonte, MG). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr, Sidney de Oliveira, Fabio Canteiro. Colaboradores: José M. de Moura Pessoa, João Mollo e Sergio de Feo. Consultor estrutural: Arthur L. Pitta.

1965

Edifício de escritórios e garagens – Prop.: Casa Soares S.A. (R. Aurora nº 424 a 440).

Edifício de escritórios e garagens - Prop.: Alberto Dias e outros. (Av. Ipiranga, 1231).

1967

Posto de Assistência Médica – INPS. (Várzea do Carmo). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

1968

Edifício de Consultórios Médicos. (Rua Cincinato Braga, 59). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

Cidade Universitária de Bragança Paulista.

Séries experimentais - Companhia Metropolitana de Habitação de SP. (Carapicuíba, SP).

1969

Cemitério Vila Paulicéia. (Rua Julio de Mesquita, São Bernardo do Campo). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

Projeto de 4 residências - idênticas e geminadas 2 a 2 - Prop.: Construtora Comercial Ltda. (R. Califórnia s/nº (lotes 14 e 15 da quadra 131).

1970

Mercado Distrital – PMSP. (Vila Clementino, São Paulo). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

1971

Fábrica para produtos eletro-mecânicos Prema S.A. (Rodovia Salto - Jundiaí , Salto, SP).

Parque infantil para a Praça da República. Prefeitura Municipal de SP.

Edifício de apartamentos. Construtora Comercial de SP Ltda. (Jd. Vieira da Carvalho, São Paulo).

1973

Projeto de loteamento – Dr. Plínio de Toledo Arruda. (Fazenda Sertãozinho – Macatuba, SP).

1974

Residência Arno Hering, São Paulo.

1976

Secretaria dos Negócios Internos Jurídicos e Serviços Complementares. Prefeitura Municipal de São Paulo. (Av. 23 de Maio). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

Posto INPS - Vila Maria Zélia, Tatuapé, São Paulo. Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

1978

Sindicato Rural de Bauru. (R. Ermínio Pinto, Bauru, SP).

1981

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias de Brito. (Guarulhos, SP). Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

1986

Anteprojeto de cemitério jardim. (São José do Rio Preto – SP).

1993

Edifício anexo Bienal São Paulo, Parque Ibirapuera, São Paulo. Arquitetos: Oscar Niemeyer e Eduardo Kneese de Mello.

Anexo 3

Textos escritos por Eduardo Kneese de Mello

Acrópole de Athenas. (**Acrópole**, nº 1, p. 14-18, 1938).

Santuário de Congonhas do Campo. (**Acrópole**, nº 2, p. 33-42, 1938).

Cabo Frio. (**Acrópole**, nº 4, p. 15-24, 1938).

A arquitetura Colonial e José Wasth Rodrigues. (**Acrópole**, nº X, p. 39, 1938).

Impressões do V Congresso Pan-americano de Arquitetos. (**Acrópole**, nº 25, p. 24-28, 1940).

Impressões de uma viagem à Baía. (**Acrópole**, nº 96, p. 317-320, 1946).

Ecos do 8º aniversário da Revista Acrópole. (**Acrópole**, nº 98, p. 41, 1946).

Porque Arquitetura Contemporânea. (**Acrópole**, nº 102, p. 159-168, 1946).

A carta de Atenas (**Tradução**). (**Acrópole**, nº 109, p. 1-4, 1947).

Arquitetura, Urbanismo e Democracia. (**Acrópole**, nº 123, p. 91-96, 1948).

Considerações sobre arquitetura moderna. (**Acrópole**, nº 134, p. 47 - 50, 1949).

Rotary e Arquitetura. (**Acrópole**, nº 138, p. 156-157, 1949).

O Arquiteto no Brasil. (**Acrópole**, nº 144, p. 289-292, 1950).

Centro de debates culturais. Exposição IAB – Ribeirão Preto SP, 12 de Novembro de 1950. (**Acrópole** nº 152-153, p. 229-232, 1950 /1951).

O dia do urbanismo – Palestra do arquiteto Eduardo Kneese de Mello no IAB-SP. (**Arquitetura e Engenharia**, nº 15, p. 47-49, 1951).

Urbanismo Preventivo, urbanismo curativo. (**Acrópole**, nº 176, p. 273-275, 1952).

O prestígio do Arquiteto. (**Habitat**, nº 23, p. 70, 1955).

Porque Brasília. (**Revista Brasília**, p. 5-18, 1960).

Habitação na URSS. Relatório de Eduardo Kneese de Mello. (**Arquitetura**, nº 9, p. 29-32, 1963).

Aula inaugural de 1966. (**Revista do IEB**, nº 2, p. 34-51, 1967).

Capela de S. Ângelo. (**Acrópole**, nº 336, p. 19-23, 1967).

Dois congressos de arquitetos. (**Acrópole**, nº 364, p. 30, 1969).

50º aniversário do IAB. (**Acrópole**, nº 386, p. 37. 1971).

Setor residencial da Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira”. (In: **ETERNIT**. Eternit na Arquitetura Contemporânea Brasileira, s/p, s/d).

A herança mourisca da arquitetura no Brasil. (**São Paulo: FAU USP**, 1975).

Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências. (**São Paulo: FAU USP**, 1975).

Meu amigo Artigas. (**MÓDULO, Especial Artigas**, nº 67, p. 21-35, 1981).

Joãosinho o oficibói. (**São Paulo: Editora Faculdade de Belas Artes de São Paulo**, 1988).

Mutirão e habitação. (In: **SÁ, Alvino Augusto; MELLO, Eduardo Kneese de; et. al.** A Cidade, A Habitação. **Guarulhos, SP: APEC: Universidade de Guarulhos**, 1988).

Brasília: Histórias e Estórias. (**São Paulo: De mais Editoração e Publicação**, 1992).

Anexo 4

Vídeo – Arquiteto: Eduardo Kneese de Mello

Vídeo Video Produtora, produzido por Angela Podolsky

Coordenação: Arquiteto Roberto Loeb

Eduardo Kneese de Mello:

“Eu sempre adotei uma definição de Vitruvius, um arquiteto romano, ‘Arquitetura é a arte de construir com conforto, solidez e beleza’. Cada um de nós quando faz a sua obra está pensando no conforto da obra, ta pensando também na solução plástica. É indispensável ao arquiteto que lê tenha essa preocupação. E, naturalmente, uns tem mais o dom da beleza do que outros, uns conseguem obter resultados melhores do que outros, mas a intenção plástica é obrigatória pra quem faz arquitetura”.

Salvador Candia:

“E o Eduardo nessa ocasião viajava muito pro Rio de Janeiro, ele tinha obras no Rio, tinha projetos, tinha... sei lá o que lê tinha no Rio. E ele vinha de avião, ele sempre foi um entusiasta da aviação, é piloto. E quando o Eduardo atrasava a coisa ficava assim meia... enquanto o Eduardo não chegava, não começava o almoço. Quer dizer, era a presença do Eduardo que fazia, que deflagrava a

conversa e aquela intimidade entre os arquitetos e os próximos futuros arquitetos de São Paulo. E nessa ocasião, ou pouco depois disso, apareceu a idéia que o louco do Eduardo, que ainda está aqui, e outros poucos loucos que felizmente existiam nessa ocasião inventaram de fazer um prédio pro Instituto de Arquitetos. Eu nunca fui um homem de..., muito hábil no manejo de dinheiro ou de saber como é que se faz operações financeiras, essas coisas, talvez seja um arquiteto a moda antiga e, mas dava pra perceber que o Eduardo, o Rino e o Artigas e agora quem que eu estou mais esquecendo, enfim, mas o Eduardo principalmente, ele tinha algum parafuso a menos, porque inventar a historia de comprar um terreno, aquela meia dúzia de gatos pra fazer um prédio para os arquitetos, era coisa de delírio... E o Eduardo não bebia, ele almoçava tanta, tomava sua cervejinha talvez, mas nunca deu pra... Era coisa de delírio mental mesmo... Pois bem, eles se uniam, eu só assistia aquilo, torcendo para que desse certo, mas no fundo achando que a coisa não ia dar certo porque não havia possibilidade de dar certo. E o Eduardo foi o grande comandante desse grupo e eles compraram um terreno na Bento Freitas com a General Jardim e edificaram o edifício que ainda hoje está lá. Eu acho isso uma coisa realmente admirável porque é uma coisa que foi feita assim, com idealismo, com entusiasmo. E justamente esse grupo não pensou porque se tivesse pensado não teria realizado o prédio, ou comprado o terreno e isso foi muito importante. E eu queria dar este testemunho realmente assim, de coração aberto, que o Eduardo tenha feito isto não só para mim, que era estudante, mas para vocês outros que são mais moços e os que ainda estão por aí.”

Eduardo Kneese de Mello:

“Quando eu voltei de Montevideú, desse Congresso Panamericano, em 1940, eu voltei com a cabeça virada, querendo fazer coisas modernas e me afiliei ao Instituto de Arquitetos do Brasil que tinha sede e fórum no Rio de Janeiro. E nasceu a idéia de se criarem departamentos do IAB pelos estados para evitar o desfanelamento do IAB. Se nós tivéssemos um IAB em cada estado, nós estaríamos todos soltos por aí sem uma união, se nos fazemos um instituto só e todos os arquitetos brasileiros se filiam no mesmo instituto, nós estamos unindo a classe, e a classe é muito pequena, não pode estar sendo desfanelada. E nessa ocasião nos procuramos no IAB pregar a arquitetura moderna, todos os colegas que se inscreveram, que nós fazíamos contato, nós forçávamos a arquitetura moderna. Então, por exemplo, o Rino Levi que foi um dos primeiros a fazer arquitetura moderna no Brasil, aliás, ele mandou uma carta de Roma, quando ele ainda era estudante, para o Jornal O Estado de São Paulo, quando nós só fazíamos aqui ecletismo, propondo arquitetura contemporânea. No mesmo ano, Warchavchik escreveu a famosa...o famoso recado dele, em que ele propunha a renovação da arquitetura. São os dois primeiros acontecimentos sobre arquitetura moderna no Brasil: a carta de Rino Levi e o manifesto de Warchavchik. Depois apareceu o Flavio de Carvalho, também, o Flavio com as loucuras dele, ele abria caminho para nós, porque aquilo que nós não tínhamos coragem de fazer porque obedecíamos a uma porção de preceitos, o Flavio não ligava para nada e fazia e abria caminho para nós.

O primeiro projeto moderno que eu fiz creio que foi o prédio na rua Brigadeiro Tobias, que foi projetado inicialmente para hotel e foi transformado em apartamentos; em que eu procurei introduzir as coisas mais simples da arquitetura moderna que eu conhecia. Eu tinha estado na Suíça, em Zurique, e vi no centro da cidade os prédios comerciais com muitas flores e achei aquilo muito bonito. Então fiz um prédio nessa Brigadeiro Tobias e toda fachada e toda extensão é de jardineiras. A minha idéia era que cada morador pusesse flores coloridas, de cores diferentes na sua janela para gozar a beleza das flores, mas infelizmente plantaram só verde lá, puseram um gramado lá naquelas jardineiras, não tem nenhuma flor. Creio que esse foi o primeiro.

Depois fiz um prédio na rua do Carmo, pra um banco. E aí eu queria mostrar que eu re a arquiteto moderno: usei brise-soleil, usei tijolos de vidro e fiz a coisa, fazendo questão de me modernizar, de me apresentar modernizado.

Foi muito difícil para mim os primeiros dias porque todo mundo me conhecia como arquiteto eclético. Então o sujeito chegava no meu escritório e dizia: 'eu quero fazer uma casa gótica', e eu dizia: 'não faço', 'mas você fez para o meu irmão', 'mas eu errei quando eu fiz para o seu irmão, eu não vou errar outra vez, eu percebi o meu erro, eu não vou errar outra vez', e o sujeito cortava relações comigo e fazia com outro colega. Então eu passei algum tempo muito difícil, com os meus fregueses fugindo de mim, mas era uma questão de convicção, não era questão de preferência, e eu não tinha coragem, não tinha vontade, não tinha tendência nenhuma de mentir arquitetonicamente. Então eu perdi muitos clientes, custei a me refazer.

Cada projeto a gente tem uma certa ligação, diferente de um para o outro, mas o projeto que me deu mais satisfação porque foi uma experiência, uma experiência nova, foi realmente o CRUSP da Cidade Universitária. E eu achei que era a oportunidade de se fazer uma experiência em pré-fabricação. Porque pré-fabricar uma casinha não interessa, a pré-fabricação só interessa quando existe repetição do elemento. E lá, nós tínhamos uma viga, por exemplo, que era repetida cerca de mil vezes. Então, havia todos os indícios de uma experiência válida, mas como não existia nenhuma fábrica montada pra pré-fabricação aqui, eu consegui com muito esforço, com muita briga que eles autorizassem um dos concorrentes a apresentar uma segunda proposta em pré-fabricação. E essa proposta foi a que ganhou a concorrência. Até eu estava..., o Paulo Camargo era o diretor do FUNDUSP, ele pediu o orçamento para a estrutura de seis blocos. Eu estava com ele na mesa, ele abriu a primeira proposta e me mostrou por baixo da mesa assim e me disse: 'eu tava pensando em fazer seis blocos, mas por esse preço eu vou fazer doze'. A diferença de preço era tão grande que ele achava que podia fazer o dobro com a mesma verba que ele tinha. Então..., mas eles continuavam não tendo confiança, então deram o primeiro bloco para uma firma que fazia concreto tradicional e a segunda turma... o segundo então recebeu a incumbência de fazer dois ou três prédios. Infelizmente deram muito pouco apoio à essa experiência e os prédios ficaram lá parados muito tempo e a firma até parece que não deu certo. Mas eu acho que foi uma experiência feita com todos os erros porque não

existia uma oficina, não existia equipamento para a pré-fabricação, era tudo improvisado na própria obra. Pré-fabricação é boa porque se faz em uma oficina com cobertura contra sol e chuva, com equipamentos todos a vista, com técnicos todos os dias assistindo, e na obra é a mesma coisa que a construção comum, com todos os erros que a obra oferece, mas de qualquer jeito eu acho que foi uma experiência muito válida e lutei muito porque havia uma oposição terrível contra a pré-fabricação, mas eu achei que era uma oportunidade e por isso é a obra que... Eu fiz esse projeto com o Joel Ramalho Filho e o Sidney de Oliveira, nós éramos três arquitetos.

Vocês estão vendo aqui uma escada que termina no primeiro andar, a razão é que esta escada é uma escada de emergência, a escada de acesso ao prédio está lá no fundo, lá atrás e esta aqui é apenas uma escada de emergência, pro fogo. Se houvesse um incêndio as pessoas que estivessem pra cá, não teriam saída, então fizemos esta escada externa, mas que não vai até o chão porque é escada exclusivamente de saída de emergência, não é de entrada e dois metros e pouco até eu sou capaz de pular se tiver um fogo atrás de mim, então foi essa a razão dessa escada interrompida assim no primeiro andar.

Aqui nós podemos ver bem o espaço que nós criamos para o lazer, o estar do estudante. Embora aquele prédio tenha sido alterado arquitetonicamente, o que eu não concordo, e o térreo que devia ser pilotis, aberto, era a área de sombra, de descanso dos estudantes, tenha sido fechada, mas o espaço aberto está aqui. Aqui deveria haver bancos lugar para estar um jogo de voleibol, por exemplo, caberia perfeitamente aqui, jogos pequenos, de modo que o estudante vivesse isto aqui, e os outros seus colegas, das suas janelas, dos seus balcões, pudessem assistir tudo isso. Eu lamento que a coisa tenha sido alterada e especialmente com esse espaço reduzido ou destruído com essas construções que não tem sentido nenhum estarem aqui. A nossa idéia de desconectar os prédios, embora paralelos, mas invés de fazer um ao lado do outro, defasados, porque a entrada é toda por aquele caminho coberto do outro lado, na extremidade, é de criar um ambiente maior, livre aqui, uma área de estar, de lazer, de descanso dos estudantes. Infelizmente isso não foi entendido porque construíram outros trechos horrorosos aqui no meio e não tem sentido taparem essa área livre com essas construções que tem tanto espaço por aí para colocarem. E vão, exatamente na área destinada ao lazer dos estudantes, foram meter essas coisas todas aqui, que eu não compreendo e protesto com veemência constantemente.

O prédio do INPS... eu fui convidado a projetar aquele prédio num lugar onde havia um cortiço chamado Vaticano, era um cortiço enorme, Vaticano, era um buraco, numa rua estreita, rua da abolição. E a intenção era fazer um prédio muito econômico, mas com todo conforto para trabalhadores de pequenas indústrias em volta do centro da cidade. Então eu procurei fazer com o máximo de economia que poderia imaginar sem prejudicar no conforto. Então, por exemplo, naquele tempo o código de obras Artur Sabóia exigia para dormitórios três metros de pé-direito, para salas dois metros e meio. Então o que eu fiz? Fiz duplex. Cada dois andares eu ganho cinquenta centímetros de fatia

em todo o prédio, com isso eu pus mais dois andares em cima do prédio, no mesmo gabarito. Eu tinha o gabarito limitado por uma linha inclinada saindo da soleira do outro lado e com uma inclinação de um por um e meio, se não me engano. Então dentro desta, deste limite, eu pus mais dois andares só reduzindo cinqüenta centímetros por andar. Como eu não tinha o corredor no segundo andar, porque era só dos quartos, eu pus os banheiros em cima, no lugar dos corredores. O elevador pára de dois em dois andares. O preço maior por unidade, em uma construção, é o elevador. E quanto mais paradas ele tiver, mais caro ele fica. Se eu paro a metade das vezes que um outro prédio teria, evidentemente, eu estou fazendo uma grande economia. Então o elevador pára só no andar das salas, não nos quartos. E, assim, eu procurei fazer o máximo de economia. Pus uma área grande de estar, de lazer no porão, no chão, que foi transformada, infelizmente, em garagem de todos os vizinhos lá. Está uma sujeira medonha. No último andar, na cobertura eu fiz uma área de estar, é um ponto muito bonito, domina todo o centro da cidade, que também está cheio de restos, está... tudo que sobra dos apartamentos põem lá em cima sem nenhum cuidado, infelizmente eu quero chamar atenção deste mal. E os apartamentos estão lá, tão na rua, no alinhamento da rua onde eu podia fazer térreo mais dois andares eu pus lojas para servir aos moradores, é um empório, um açougue, enfim, coisas que as famílias que moram lá precisam comprar. E nos dois andares seguintes eu pus salas pequenas que seriam, assim, para uma cabeleireira, um alfaiate, tudo com o objetivo de servir aos moradores. Então o conceito de habitação estava bem próximo. Nós entendemos que habitação não é casa, casa é um dos elementos da habitação. Se você não tem acesso ao trabalho, à escola, à saúde, não é habitação, é apenas um abrigo, não é uma habitação. Então lá eu procurei dar o sentido de habitação, o mais completo possível dentro de uma cidade, porque o acesso ao trabalho lá é fácil porque as ruas estão cheias de transporte, o acesso ao lazer também, mas as coisas íntimas, em volta da casa eu procurei pôr para que o morador, o trabalhador do centro tivesse todo o conforto possível.

São Paulo é uma cidade que cresceu praticamente sem plano, né? Ela foi crescendo, mais aqui, mais para lá, os bairros mal foram surgindo... ela teve alguns pregadores de urbanismo, Anhaia Melo, prefeito de São Paulo, e muita gente pregou, nós todos pregamos urbanismo, eu mesmo nas minhas palestras, minhas aulas, eu sempre preguei a necessidade do plano. Mas São Paulo cresceu independentemente do plano, alguns acertos vão se fazendo, mas a cidade no todo cresceu sem plano. O exemplo melhor que nós temos de plano mesmo é o de Brasília.

Brasília é uma experiência que com todos os erros que possa ter, uma experiência muito válida, positiva. O urbanista inglês, famoso, William Holford, que participou do júri, declarou que o projeto de Lúcio Costa é a mais importante contribuição do século XX para as teorias do urbanismo.

Aqui em São Paulo, você vê, não se tem um espaço livre, sobrou um Ibirapuera, lá no fim do mundo tem um outro parque, mas é uma cidade que não tem parques, não tem área verde. Eu tenho a impressão que os nossos dirigentes andam de helicóptero e tem um buraco ali, Poe um prédio, tem outro buraco, Poe outro prédio. É preciso tapar os buracos.

Então quando vou à Brasília, eu sou um apaixonado de Brasília, eu desço no aeroporto e pego um táxi para ir para o hotel e vou namorando aquelas áreas verdes, 'non-edificandi', são áreas que ficarão verde sempre, pra alegria dos olhos da gente, pra respiração da gente, né? A intoxicação em Brasília é o mínimo, mínimo, mínimo dos mínimos comparada com a de São Paulo. Mas isto é o que nós sonhamos. E muita gente vai a Brasília e detesta aquilo lá porque as distâncias são grandes. Claro! Se você quer fazer casas isoladas, você tem que fazer distâncias. Se agrupa tudo em apartamentos, as distâncias ficam pequenas, mas também você não respira. E em Brasília você respira com todo aquele... O plano de Lúcio Costa pensou muito nisso, ele criou aquelas superquadras. Na superquadra uma criança vai, pequena, vai à escola, escola de primeiro grau, a pé em cinco minutos dentro da superquadra, sem sair na rua. Isto não é uma grande vantagem?

Eu me sinto muito contente, muito feliz numa sala de aula. Acho que os alunos me tratam com muito carinho pelo meu cabelo branco que eu tive e isso me prende muito. Você viu a estátua que fizeram aqui?... Eu tava pensando em deixar Mogi porque essa viagem diária me cansa, mas como eu posso deixar Mogi se os alunos me tratam com esse carinho? Então eu vou ficando e me prendo muito. Hoje eu sou professor em quatro escolas e vivo no meio dos alunos com muito prazer, eles me dão muita energia, me dão juventude.

Eu escrevi isto daqui para o Congresso Cidades do Futuro, pensando em Brasília, e chama-se "Cidade do Futuro":

*Eu vi e admirei as pirâmides de Guizé
Miquerinos, Queops e Qefrem,
Faraós que se diziam filhos do deus Ré.
Eu vi a esfinge imponente e misteriosa.
Eu vi Karnak, suas estátuas, suas colunas, mais de cem,
Com quase cinco milênios de idade.
Eu pisei as pedras da via Dolorosa
Na Cidade Santa, Jerusalém,
Impregnada de religiosidade.
Eu vi o Partenon, na Acrópole de Atenas
A mais perfeita obra e a mais pura,
De toda a história da Arquitetura.
Eu vi o Portal dos Leões em Micenas.
Eu vi o Epidaurus, de acústica perfeita*

*E o Canal de Corinto, a passagem estreita.
Eu vi Caracala e o Coliseu dos romanos.
Eu vi Matchu Picchu, Cuzco, Tikal,
Titchen Itza, Uxmall,
Monumentos pré-colombianos.
E me pergunto agora, preocupado:
“A arquitetura contemporânea sobreviverá
À onda de destruição que hoje há?
Quantos séculos Brasília será admirada
Se a guerra nuclear for deflagrada?
Se a “bomba limpa” for detonada,
Haverá vida humana no planeta após essa loucura
Para ver e admirar arquitetura?”
Oh Deus, Senhor,
Tu que és seu criador,
Arquiteto do Universo,
Humildemente venho te pedir:
Salve esta tua obra grandiosa,
Maravilhosa,
Que o teu filho, o homem, ingrato e perverso
Insiste em destruir.*

Anexo 5

Texto: Eduardo Kneese de Mello. O HOMEM E O ARQUITETO.

Autor: Joel Ramalho Junior

Minha formatura como arquiteto ocorreu no final de 1959. Hoje tenho certeza que fui um privilegiado. Estávamos vivendo uma época em que a profissão brasileira de maior destaque no exterior era a Arquitetura. Brasília estava correndo para sua inauguração e para o grande impacto que causaria no mundo da Arquitetura e das Artes em geral. As revistas especializadas, no mundo inteiro, publicavam números especiais sobre a Arquitetura Brasileira, onde os grandes nomes como: Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Irmãos M.M.M. Roberto, Henrique Mindlin, Afonso Eduardo Reidy, Rino Levi, Villanova Artigas, somente para citar alguns nomes, ao lado de Eduardo Kneese de Mello, eram vistos por nós, alunos de arquitetura da época, como os mestres e exemplos palpáveis de uma atividade que mostrava toda a sua potencialidade e capacidade de auxiliar a transformação da realidade existente para chegarmos ao Novo Brasil, que o nosso presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, nos fazia sentir, ser desejável, uma hipótese viável e rapidamente atingível.

Mais privilegiado ainda fui eu, que recebi o convite do Kneese para trabalhar, logo que me formei, em seu atelier. Eduardo estava retomando suas atividades em seu escritório, no último andar do edifício do IAB, na rua Bento Freitas em São Paulo, onde convivíamos diariamente com os freqüentadores do Instituto de Arquitetos.

Foi uma fase fantástica. O Eduardo havia trabalhado na construção de Brasília, na equipe de Niemeyer, coordenando a implantação de obras e neste momento recebia muitas encomendas de projetos para a nova capital. As solicitações eram sempre urgentes e sempre grandiosas. Estudos de escritórios para a Confederação Rural Brasileira, para a Confederação Nacional do Comércio, Blocos residenciais para as Superquadras, Edifícios de Escritórios etc., nem todos transformados em obras, mas todos encarados com muita dedicação, muita discussão, muita seriedade e muita pressa.

Foi também nessa fase que Eduardo revelou seu gosto pelos concursos de arquitetura. Ele dizia que eram verdadeiras reciclagens no escritório, onde o arquiteto não busca apenas resolver o problema, mas sim se superar, gerando verdadeiras propostas novas que acabam influenciando sua própria produção no futuro. Este entusiasmo do Eduardo era contagioso, e mesmo que o resultado do Concurso não correspondesse às expectativas, lá estava ele se inscrevendo para mais uma vez submeter o seu trabalho a um julgamento e uma avaliação.

Nosso escritório, até mesmo por sua situação física, situado no prédio do IAB, funcionava muitas vezes como anfitrião da Arquitetura de São Paulo. Eduardo sempre encontrava tempo para ciceronear as caravanas de arquitetos estrangeiros que pareciam estar descobrindo o Brasil. Numa destas ocasiões, recebeu um arquiteto peruano desconhecido na época, Belaunde Terry, e por sua maneira de ser, Eduardo conquistou para sempre amizade do futuro presidente da República do Peru; o que lhe valeu a condição de ser o único brasileiro convidado, com todas as despesas pagas para assistir a posse de Belaunde. Mais tarde essa amizade gerou uma fabulosa viagem de estudos e contatos com a arquitetura Inca e com a moderna do Peru para um grupo de arquitetos e estudantes brasileiros, que foram alvos de toda a cortesia possível do governo e dos arquitetos peruanos a qual eu tive a oportunidade de participar.

Para desenvolver o projeto da Cidade Universitária da USP foram convidados os arquitetos mais atuantes em São Paulo na ocasião. Nomes como Villanova Artigas, Fábio Penteadó, Rino Levi, Oswaldo Bratke, Eduardo Corona, Ícaro de Castro Mello, Paulo Mendes da Rocha, Pedro Paulo Saraiva, Eduardo Kneese de Mello etc. Depois de juntos desenvolverem o estudo geral de Implantação, cada escritório recebeu a tarefa de projetar um setor, como o prédio da Arquitetura, o prédio das Ciências Econômicas, o Setor esportivo etc. Ao nosso escritório coube o Conjunto Residencial para Estudantes. Foi uma oportunidade de ouro, para mim, como integrante do escritório do Eduardo, esta convivência com todo esse grupo de profissionais, participando dos debates e das decisões diante de obra tão relevante.

A Arquitetura do Eduardo sempre foi fundamentada em uma forte conceituação. Na sua condição de professor da FAU, na cadeira de Arquitetura no Brasil, estava sempre estudando e procurando transmitir conhecimentos, o que acabou por transformá-lo em um professor exageradamente solicitado, ministrando cursos em várias Faculdades ao mesmo tempo, além de convites para palestras ou cursos rápidos em Universidades em outros Estados. Eduardo gostava muito de falar sobre técnica

construtiva e racionalização, assuntos que dominava e implementava em sua obra. Sua preocupação com a formação profissional e sua atuação para a valorização do arquiteto junto ao CREA e CONFEA, fizeram do Eduardo um símbolo desta batalha.

Anexo 6

Manuscrito do arquiteto Eduardo Kneese de Mello

É comum existirem, nos escritórios de arquitetura, projetos realizados cujas obras não foram executadas.

Isso representa uma frustração para os arquitetos seus autores.

Quando um profissional contrata o estudo de um projeto, faz pesquisas, faz consultas, cria soluções e apresenta seu trabalho a quem o encomendou, não visa apenas essa apresentação e o recebimento dos honorários correspondentes.

Visa também, obviamente, ver seu projeto transformado em construção.

O IAB-SP, tem, agora, a feliz idéia de organizar esta exposição de projetos arquitetônicos realizados mas não construídos.

Oferece-nos assim, a oportunidade de apresentar ao público esses nossos trabalhos, o que nos dá a sensação de um desabafo da frustração que sentimos.

Felicito o IAB-SP pela ótima iniciativa.

Conjunto Residencial Cidade Jardim

Arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Hélio de Queiroz Duarte

Fui procurado em fins de 1944 por um representante do IAPC (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários) que me solicitou o estudo de um conjunto residencial para comerciários, a ser construído em terreno situado às margens do rio Pinheiros, no final da Avenida Europa, nesta Capital.

Em 29 de maio de 1945 fiz entrega do projeto contendo:

432 sobrados geminados em grupos de seis, com as seguintes peças: sala, cozinha, 3 dormitórios, banheiro, wc para empregada, tanque e terraço. Com área de 109 m² cada.

32 sobrados com as mesmas peças dos anteriores e 4 dormitórios.

52 sobrados idênticos aos anteriores mais a garagem.

3 edifícios de 10 andares tendo cada um deles 180 apartamentos de um quarto de demais peças.

2 edifícios contendo 7 lojas e 20 apartamentos duplex contendo sala, dois quartos, cozinha, banheiro, wc de empregados e tanque.

O total de área construída de residências era de 11.798,00 m².

O projeto conteria ainda os seguintes elementos:

Escola de 1º grau.

Creche.

Jardim de Infância.

Nota: a escola deveria também servir como centro cívico e cultural do conjunto, para reuniões dos moradores, conferências, exposições, cinema, etc. Obviamente essas atividades teriam lugar nos horários em que não havia aula.

Pequeno hospital para atendimento de casos de emergência.

Esta obra foi projetada pelo arquiteto Hélio de Queiros Duarte.

Centro esportivo, com quadras de esporte, piscinas e dependências de atendimento aos esportistas.

Centro comercial com 14 lojas situadas na praça, com acesso direto de autos e caminhões para abastecimentos.

Os sobrados residenciais tinham um pequeno quintal, nos fundos para serviços íntimos que não podem ser feitos em público.

Não havia jardins privativos. Toda a área fronteira dos sobrados era de uso comum com 40 metros de largura e aí não entravam veículos.

Nos fundos dos sobrados havia uma via de pedestres coberta, pela qual uma criança podia ir à escola, ao centro comercial, aos campos de esporte, ao hospital ou a qualquer outra casa, sem atravessar rua nenhuma e sem tomar sol ou chuva.

Atendia-se, assim, à recomendação da Carta de Atenas: caminhos para pedestres não devem cruzar-se com caminhos para veículos.

Infelizmente, houve mudança na direção do IAPC. O projeto foi considerado inexequível. Para receber meus honorários tive que recorrer à Justiça, o que só consegui depois de dez anos, sem correção monetária.

Escolinha da Praça da República

Arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Fomos um dia procurados por um representante do Departamento de Construções de Escolas da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Solicitou-nos um projeto de uma escolinha para substituir o barracão existente na Praça da República, onde funcionava uma pequena escola de 1º grau, para residentes nos prédios de apartamentos do bairro.

Deveria ser uma obra especial, que não prejudicasse nem estética nem funcionalmente aquela bela e histórica praça do centro desta cidade.

Estudamos o projeto que aqui está exposto com real interesse não só profissionalmente como também, especialmente, com o intuito de bem servir àquelas crianças e não desmerecer a beleza e a importância da Praça.

Lamentavelmente, concluído nosso trabalho, recebemos da mesma Prefeitura que o encomendara, a informação de que, pelas nossas leis, era proibido construir na Praça da República.

Mercado de Vila Clementino

Arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Fomos procurados, um dia, pelo senhor Secretário de Abastecimentos da Prefeitura Municipal de São Paulo que desejava melhorar os serviços de abastecimentos dos munícipes paulistanos, substituindo as feiras livres por mercados, bem construídos, higiênicos e que oferecessem condições e conforto aos compradores.

Visitamos juntos várias feiras livres e mercados da cidade, analisando-os em suas qualidades e

defeitos.

Depois de um longo período de pesquisas o Sr. Secretário Fabio lassuda solicitou-nos o projeto do primeiro mercado de seu plano, destinado ao bairro de Vila Clementino, nas proximidades do Parque Ibirapuera. Outros projetos seriam, em seguida, contratados com outros arquitetos.

Nosso projeto foi estudado com uma cobertura de laje de concreto plissada, em forma circular, com uma área interna destinada a jardim, onde as mães ao fazer compras poderiam deixar suas crianças.

O secretário lassuda foi nomeado ministro.

O projeto foi engavetado e o contrato rescindido.

Secretaria da Justiça

Arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Contratamos o projeto de novo edifício para a Secretaria da Justiça da Prefeitura do Município de São Paulo, a ser construído próximo da Praça João Mendes, na rampa de acesso da Avenida 23 de Maio, e com frente também para o viaduto Dona Paulina e Rua Assembléia.

Projetamos uma torre de planta circular, com circulação vertical no centro.

Garagem com entrada pela rampa da Avenida 23 de Maio.

Áreas de contato com o público nos andares mais baixos, com acesso pelo Viaduto Dona Paulina e Rua Assembléia.

O projeto foi executado mas a obra não foi realizado.

Cemitério

Arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Fomos contratados para projetar um cemitério num bairro popular – Vila Paulicéia em São Bernardo do Campo.

Precisávamos entender como deveria ser um cemitério do século XX.

Em primeiro lugar, pensamos que todos os túmulos deveriam ser iguais, desde que não se use a cremação que nos parece a solução ideal.

Se os túmulos são iguais, deveríamos pensar na possibilidade de pré-fabricação.

Se projetássemos um túmulo diferente dos elementos já industrializados para outras finalidades, seu

preço seria muito alto.

Pesquisamos nas indústrias existentes se havia algum elemento já industrializado que atendesse às necessidades do projeto.

Encontramos tubos de concreto centrifugados, produzidos em dimensões que atendiam nosso objetivo.

Os tubos seriam produzidos com uma das extremidades fechada. A outra extremidade teria uma tampa de concreto que seria colocada após a entrada do caixão.

Os tubos seriam simplesmente sobrepostos, permitindo, em qualquer oportunidade, a troca de sua localização com outro tubo ou mesmo a mudança do cemitério para outro local.

A capela seria ecumênica, para ser usada por qualquer religião.

Infelizmente, as autoridades locais não usaram os túmulos projetados e os corpos são enterrados como em qualquer outro cemitério convencional.

Todos os outros elementos do projeto foram executados.

Anexo 7

SETOR RESIDENCIAL DA CIDADE UNIVERSITÁRIA “ARMANDO SALLES DE OLIVEIRA”

Autor: Eduardo Kneese de Mello

Texto publicado originalmente em Eternit na Arquitetura Contemporânea Brasileira, s/d, s/p.

Na era dos vôos interplanetários, das comunicações através do espaço, pela imagem e pelo som; de uma infinita variedade de novos materiais, produzidos industrialmente; na era da democracia, em que o direito de morar bem não é mais privilégio de algumas castas, mas pertence a qualquer cidadão, e a habitação popular surge como um problema que preocupa a sociedade contemporânea, crescendo assustadoramente nos países subdesenvolvidos, continuamos a construir por métodos coloniais, do tempo do carro de boi: tijolos de barro, fabricados em olarias caboclas por processos primitivos, assentados um a um, com argamassa preparada na obra, num desperdício enorme de materiais, mão-de-obra e tempo.

Mais da metade da população brasileira não sabe ler, não habita moradias saudáveis e não é assistida por serviços públicos.

Além desses déficits atuais, a população no Brasil cresce tão rapidamente, que hoje é quatro vezes maior do que em 1900.

No entanto, continuamos na ilusão de que, financiando e construindo casinhas isoladas, aqui e acolá, resolveremos o problema.

Cabe ao arquiteto brasileiro a responsabilidade de pesquisar novos materiais, novas técnicas, e planejar unidades de habitação completas, que incluam a escola, o hospital, o mercado, etc. e que, além de oferecer conforto e beleza, possam ser construídas rapidamente.

Constatei, na Comissão de Pesquisas da União Internacional dos Arquitetos, que nossos colegas europeus, preferem os sistemas de elementos pré-fabricados pesados, para sua construção de objetivo social.

Elementos totalmente feitos na fábrica e simplesmente montados, na obra. Paredes estruturais. É a fantástica economia de tempo de construção.

Vi unidades de habitação assim construídas nos arredores de Paris, com edifícios de vinte andares, no meio de grandes parques.

Visitei prédios, em Moscou, de quarenta e cinco apartamentos, que podem ser montados em sete dias. Uma enorme ponte rolante empilha, uns sobre os outros, blocos colossais, totalmente acabados, contendo três peças do apartamento: sala, quarto, banheiro ou cozinha.

O sistema de pré-fabricados leves, entretanto, usado na Escandinávia, no México, nos Estados Unidos e noutros países é, sem dúvida, mais adaptável ao nosso meio.

As estruturas são independentes. Concreto armado, ferro, madeira, alumínio, etc. Paredes não estruturais, apenas de vedação.

Com este sistema, pode-se obter melhor acabamento, maior facilidade nos transportes e na montagem, maior flexibilidade nas plantas e, sem dúvida alguma, melhor efeito plástico.

Os primeiros seis blocos para alojamento de estudantes da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, em São Paulo, com seis pavimentos além do térreo e um total de quatrocentos apartamentos para três alunos cada, foram construídos em apenas quatro meses.

As estruturas são de concreto armado, com aberturas para a passagem de canalizações.

Nos outros seis blocos, que estão agora em fase de construção, a estrutura é totalmente pré-fabricada. As fachadas principais levam caixilho de alumínio, vidro e chapas coloridas de material melamínico. As paredes cegas laterais e as caixas dos elevadores têm chapas corrugadas de cimento-amianto. As paredes divisórias são construídas de materiais leves.

Quando o sistema estiver generalizado, construtores e operários tiverem adquirido a prática necessária e houver maior entrosamento entre esses profissionais, os arquitetos e a indústria, o tempo de

construção poderá ser, ainda, muito mais reduzido.

Em conclusão, parece-me que se deve procurar reduzir ao mínimo, ou à simples montagem, o trabalho na obra, e aumentar ao máximo a participação da indústria, onde os materiais poderão ser produzidos mais rapidamente, com melhor qualidade e melhor preço.